

NO PRINCÍPIO ERA O *ROCK*, E O *ROCK* ESTAVA NA CAVERNA DE ADULÃO, E O *ROCK* ERA A CAVERNA DE ADULÃO¹

DOI
10.11606/issn.2525-3123.
gis.2022.185630

ORCID
<http://orcid.org/0000-0003-2538-6459>

DOSSIÊ RELIGIÕES: SUAS IMAGENS,
PERFORMANCES E RITUAIS

FLÁVIO LAGES RODRIGUES

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte,
SP, Brasil, 30535-901 – ppgcr@pucminas.br

RESUMO

Neste artigo² apresentaremos como o *rock* pesado de uma forma geral com o *heavy metal* e seus subgêneros, foi capaz de fomentar uma forma de pertencimento e sociabilidade no início da Comunidade Caverna de Adulão em Belo Horizonte. O que notamos com a pesquisa é que no princípio o *rock* se tornou o elemento fundador principal na socialização dos jovens para comunicar o Evangelho na própria linguagem e cultura da tribo urbana *headbanger* e posteriormente, outros elementos entraram em seu lugar. A metodologia consistiu em revisão bibliográfica, tendo como teórico principal o

PALAVRAS-CHAVE

Comunidade
Caverna de Adulão;
Rock pesado
e *heavy metal*;
Tribos urbanas
headbangers;
Religião e cultura;
Sociabilidade e
espiritualidade.

1. Fizemos uma analogia de uma passagem bíblica para sinalizar a socialização na Comunidade Caverna de Adulão em Belo Horizonte com o *rock* pesado. Através da manifestação artística com a música *rock*, com o verbo como palavra cantada, os jovens puderam dar significações ou ressignificações às suas práticas culturais e religiosas. “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade.” (João 1.1,14).

2. Este artigo está ligado à pesquisa de mestrado em Ciências da Religião com o título: *O fenômeno religioso entre os jovens nas tribos urbanas: uma análise da relação cultura e religião na Comunidade Caverna de Adulão* – Belo Horizonte/MG, orientado pelo professor Dr Flávio Senra e apresentada no PPGCR da PUC Minas em 2018. Esta pesquisa foi realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

sociólogo Michel Maffesoli em diálogo com outros autores. Na pesquisa de campo utilizamos o método socioantropológico-etnográfico que aconteceu com a observação participante e com a técnica de grupo focal.

ABSTRACT

In this article we will present how heavy rock in general with heavy metal and its subgenres, was able to foster a form of belonging and sociability at the beginning of the Comunidade Caverna de Adulão (Cave Community of Adullam) in Belo Horizonte. What we noticed with the research is that in the beginning rock became the main founding element in the socialization of young people to communicate the Gospel in the very language and culture of the urban headbanger tribe and later, other elements took its place. The methodology consisted of a bibliographic review, having as main theoretician the sociologist Michel Maffesoli in dialogue with other authors. In the field research we used the socio-anthropological-ethnographic method that happened with the participant observation and the focus group technique.

KEYWORDS

Comunidade Caverna de Adulão; Heavy rock and heavy metal; Urban headbanger tribes; Religion and culture; Sociability and spirituality.

INTRODUÇÃO

Com o intenso processo de urbanização ocorrido no Brasil nas últimas décadas, houve um grande impacto na vida dos cidadãos de muitas cidades do Brasil e do mundo. Belo Horizonte também vivencia essa explosão demográfica, que fomentou a socialização nas tribos urbanas com a cultura³ juvenil. Refletindo essas mudanças que tangem a pós-modernidade⁴ e afetam as áreas, social, política, econômica, cultural e religiosa,

3. Para o conceito de cultura, utilizamos Maffesoli (2010). Ele aponta para duas culturas dentro de uma mesma cultura. De um lado ele mostrou os *proprietários da sociedade* e são os que têm o poder de dizer o que fazer, sendo o *poder instituído*, nas diversas formas: *cultural, religiosa, social e econômica*. Este *poder instituído* toma as decisões longe da vida e assim, da realidade da maioria da população. Por outro lado, ele mostra a vida selvagem, anômica, e desordenada, como uma *potência instituinte*. Ainda segundo Maffesoli (2010) o *pensamento selvagem* é admitido pela experiência adquirida no contato com sociedades primitivas. Aqui, a antropologia volta seu olhar para o cotidiano das sociedades contemporâneas, ao que chamou de *culturas de empresa* ou outros fenômenos que pareciam próximos demais para serem analisados. Essa divisão de duas culturas, para Maffesoli, começa a ser aceita pela cultura erudita. “Isso vale também para a cultura erudita, que começa a admitir a existência de uma *outra cultura*: a dos sentimentos comuns. Podemos estar de acordo com essa emergência. São numerosas as pesquisas que o demonstram, o fato é que existe entre essas duas culturas um distanciamento que às vezes não deixa de se transformar em um fosso intransponível.” (Maffesoli, 2010, 240). O conceito de cultura que trabalho aqui se aproxima mais com a *potência instituinte*, com o sentimento de estar juntos, o partilhamento, a sociabilidade e o sentimento de pertencimento. Essa cultura é construída pelos próprios jovens que estão nas tribos urbanas *headbanger* com o *rock*, o *heavy metal* e seus subgêneros com elementos culturais que não são aceitos pelos poderes instituídos como padrão cultural, o que as torna muitas vezes, clandestina e marginal na sociedade.

4. Para Maffesoli, a *pós-modernidade* é caracterizada pelo *tribalismo*. Este fenômeno é estudado por ele como fator de sociabilidade há mais de três décadas. Para ele, o que vale no tempo presente é a vida cotidiana e seus rituais, as emoções e paixões coletivas, simbolizadas pelo prazer de estar juntos. Ele ainda destaca como dois eixos essenciais, os aspectos ao mesmo tempo, *arcaico* e *juvenis* do tribalismo, e também a sua dimensão comunitária e a saturação do conceito de *Indivíduo*. Na sua visão essas são as duas raízes

utilizamos o pensamento do sociólogo francês Michel Maffesoli⁵ com as tribalizações ou neotribalizações. Para Maffesoli, essas transformações possibilitaram relacionamentos mais próximos com o tribalismo nas partilhas, mesmos sentimentos, emoções e afetos, e são uma resposta às instituições sociais, na quebra da rigidez dos relacionamentos sociais e do individualismo.

Pesquisamos os jovens das tribos urbanas *headbangers*⁶ que gostam de *rock* pesado⁷, que vivenciaram essas transformações sociais, entre elas, o fenômeno religioso contemporâneo. Procuramos entender como ocorreu essa construção cultural e religiosa, entre os *headbangers* da Comunidade Caverna de Adulão⁸, onde o *rock* à princípio, foi utilizado como instrumento na socialização juvenil. Na pesquisa de campo⁹, observamos que a adaptação de algumas igrejas evangélicas às necessidades dos jovens e às suas práticas culturais, foi o que os atraiu à comunidade, depois outros elementos socializadores entraram no lugar do *rock*.

do tribalismo pós-moderno. (Maffesoli, 2010). Utilizaremos o termo pós-modernidade em lugar de contemporaneidade.

5. Utilizamos como obra principal na pesquisa de mestrado o livro Maffesoli (2010), ancorados por outras obras do autor.

6. O termo *headbanger* é utilizado pelos fãs da cultura *heavy metal*, bem como de suas posteriores variações e subgêneros musicais. Ele surgiu por volta de 1970, na Inglaterra, e imigrou para os Estados Unidos. A banda inglesa *Black Sabbath* foi a precursora do estilo *heavy metal* e da incorporação nos *shows* da agressividade estética *headbanger*. A expressão tribo urbana *headbanger* é dada aos jovens que interagem em pequenos grupos ou tribos nos centros urbanos. Para esta tribo, a socialização gira em torno da sonorização com o *rock* pesado, na produção e no consumo dessa música entre os jovens. Estes também consomem uma variedade de roupas, calçados e acessórios, que em muitas vezes são definidos pelos membros da própria tribo. Durante os *shows*, estes jovens, dançam em círculo com o *mosh*, o que lembra as tribos indígenas em suas danças. No *mosh*, os jovens fazem a roda para dançar e dão socos e ponta pés ao ar. Também batem a cabeça, que é o significado literal para *headbanger*, com o movimento para cima e para baixo, jogando os cabelos ao ar, como o movimento violento da cabeça no ritmo da música.

7. Na pesquisa abordamos o *rock* pesado com o *heavy metal* e seus subgêneros como o *thrash metal*, *death metal*, *black metal* entre outros, na perspectiva sociológica e no poder que este estilo musical tem em aglutinar os jovens. Descrevemos o *rock* como elemento fundante na comunidade e os percursos que ele estabeleceu junto aos membros da Comunidade Caverna de Adulão. Dessa forma, não trabalharemos na pesquisa com as bandas de *rock* que haviam no início da comunidade e as que existem atualmente. Também não faremos a análise bíblico-teológica das letras das músicas dessas bandas ou de suas performances durante os *shows* e eventos evangelísticos. Isso poderia ser fruto de futuras pesquisas pelo fato de a comunidade no início ter mais de 20 bandas nos estilos variados de *grind core*, *metal core*, *punk*, *heavy metal*, *thrash metal*, *death metal*, *power metal*, entre outros estilos e hoje conta apenas com 2 bandas de *rock* pesado, as bandas Trombada e Pesadelo.

8. O início da comunidade ocorreu em 1992, quando alguns jovens e os pastores Fábio de Carvalho e Eduardo Lucas iniciaram trabalhos evangelísticos junto aos jovens que pertenciam as tribos urbanas *headbanbers* em Belo Horizonte. A comunidade passou por vários lugares da região centro-sul da capital mineira e em 2004 se estabeleceu à rua Aimorés 482 no bairro Funcionários, lugar que se encontra atualmente.

9. Na pesquisa de campo utilizamos o método antropológico-etnográfico que aconteceu com a observação participante e com técnica de grupo focal. Na observação participante foram feitas 4 visitas aos cultos de domingo, às 18 horas. Esta pesquisa de campo ocorreu nos meses de julho, outubro e novembro de 2016. Os grupos focais foram realizados com 3 grupos mistos e 2 encontros para cada um deles nos meses de agosto e setembro de 2017. Nessa etapa foram observados e coletados dados primários, obtidos originalmente por meio de discussões em grupos na comunidade. Essas discussões em grupo focal ofereceram esclarecimentos sobre o fenômeno religioso e cultural na Comunidade Caverna de Adulão de forma interativa, pelo olhar de dentro do grupo.

ADESÃO DOS JOVENS À COMUNIDADE CAVERNA DE ADULÃO

Para falar dessa adesão dos jovens à Comunidade Caverna de Adulão precisamos entender, que o *rock* e a religião¹⁰ são elementos culturalmente construídos. Esta construção revela um complexo e variado padrão de comportamento com crenças, manifestações artísticas, intelectuais, artes, leis, costumes e hábitos que são adquiridos pelo ser humano em sociedade. Essas transmissões coletivas sinalizam para seres humanos como transformadores da cultura, no qual os jovens também são construtores de suas próprias realidades e cosmovisões, com a utilização do *rock* em suas práticas religiosas¹¹ nas tribos urbanas.

As tribos urbanas — e, neste caso mais específico, os roqueiros — têm toda uma maneira característica peculiar cultural: os cabelos longos, as tatuagens, os *piercing's*, as roupas pretas e camisas de bandas de *rock*, assim como a maneira diferente de falar, usando gírias e jargões que só quem está encarnado na tribo consegue entender. Precisam ouvir o Evangelho de forma contextualizada. A Mensagem deve ser transmitida de forma que eles, em sua maneira de viver, pensar e sentir, consigam entendê-la. (Rodrigues, 2006, 65).

Percebemos que nas práticas religiosas, também ocorreram aberturas e apropriações de elementos da cultura, que até poucas décadas atrás, não eram aceitos. Nesse aspecto Christe mostrou como o *rock* e o *heavy metal*, além de não serem aceitos, ainda sofriam ataques e discriminação nos Estados Unidos.

Enquanto o Slayer evocava o profano em seu submundo, headbangers apareciam em público por todo lugar, vagan-

10. No mestrado em Ciências da religião pesquisamos a Comunidade Caverna de Adulão, com uma relação estrita entre a religião e cultura, com o *rock* pesado como elemento socializador juvenil ali. Mas, na cidade de Belo Horizonte, ocorriam muitos conflitos nessa época, quanto à utilização do *rock* aliado às práticas religiosas, vindo de alguns integrantes mais radicais da cena *underground* secular, que estavam nas tribos urbanas *headbangers* e não aceitam essa relação do *rock* e religião. O que observamos é que a cena *underground* cristã sofria preconceito e discriminação tanto na religião por outras igrejas e comunidades que não entendiam essa apropriação da cultura com a música *rock*, quanto da sociedade de uma forma geral. Somando-se a isso, havia também uma não aceitação dessa cena *underground* cristã, por parte de alguns adeptos que tinham uma postura mais radical na cena *underground* secular. Isso mostra que o preconceito e discriminação sofrido por bandas de *rock* cristão, bem como de igrejas e comunidades como a Caverna de Adulão era bem maior. Essa discriminação fica ainda mais evidente, com os ataques contra as bandas cristãs de *rock* pesado, que são chamadas pejorativamente de *white metal*, como uma clara forma de preconceito e deslegitimação da utilização do *rock* e religião, que neste caso está em oposição ao estilo *black metal*. Percebemos que a cena *underground* secular com as tribos urbanas *headbangers* é um grupo bem amplo, com várias visões estéticas, políticas, musicais, filosóficas, religiosas e por que não dizer teológica, com pessoas que se autodeclararam como religiosas e também não religiosas. Por isso, ampliamos nossa pesquisa sobre religião e cultura, também com o *rock*. Neste caso, atualmente pesquisamos os *sem religião*, representados pelos roqueiros sem religião no doutorado em Ciências da Religião com o título: *O rock como uma espiritualidade não religiosa. Estudo sobre rituais, sociabilidades e cosmovisão de roqueiros sem religião em Belo Horizonte*, sob orientação do professor Dr. Flávio Senra, no PPGCR da PUC Minas. Esta pesquisa é realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

11. Para mais informações sobre igrejas e comunidades cristãs, que utilizam o *rock* pesado, *heavy metal* e seus subgêneros nas práticas religiosas, ver: Rodrigues (2005), Rodrigues (2006), Rodrigues (2007), Rodrigues (2017), Rodrigues (2018a), Rodrigues (2018b), Rodrigues (2018c), Rodrigues (2018d), Rodrigues (2019a), Rodrigues (2019b), Rodrigues (2020a), Rodrigues (2020b) e Rodrigues (2021).

do perto de galerias com cabelos longos, despenteados (ou, muitas vezes, até bem-penteados) e camisetas que frequentemente levavam os terríveis nomes e imagens de bandas como Ratt, Def Leppard, Iron Maiden e Venom. As autoridades dos Estados Unidos começavam a se sentir fortemente ameaçadas, pois ainda existia um grande grupo para as quais Def Leppard soava como uma atrocidade bestial. Para os olhos da geração mais velha, o claramente visível e aparentemente universal apelo ao heavy metal era a invasão de algo terrível e errado. (Christe, 2010, 153-154).

Podemos ver nesta situação que as bandas de *rock*, *heavy metal* e seus subgêneros, bem como os jovens adeptos das tribos urbanas *headbangers* não eram bem vistos pelas autoridades estadunidenses e em especial pelas pessoas mais velhas que viam essas bandas e as tribos como uma profanação dos valores sociais e religiosos daquela nação nos anos 80. Ainda de acordo com Christe, nessa época instaurou uma verdadeira guerra cultural contra a música *heavy metal*.

Uma guerra cultural estava fermentando, e o heavy metal virou o saco de pancadas. Até mesmo quando não incitava explicitamente uma revolta nas ruas, as atitudes de heavy metal representavam uma ameaça real à ordem pública. Ainda que o metal não fosse o único tipo de música a incomodar os guerreiros da moral, por causa de seu evidente sarcasmo, o movimento serviu como bode expiatório perfeito. Pelas mesmas razões que *Number of the beast*, do Iron Maiden, atiçou o interesse dos adolescentes, o disco apavorava os adultos. Logo, um verdadeiro leque de forças reacionárias lançou um inesperado e bem-sucedido ataque às bases do heavy metal. (Christe, 2010, 154-155).

Este preconceito e discriminação contra o *heavy metal* não se limitou aos Estados Unidos, mas aconteceu também em várias partes do mundo ocidental. Isso também foi mostrado por Lopes, que pesquisou o *heavy metal* no Rio de Janeiro, no Brasil e no mundo. Na sua visão há uma ruptura, com a apropriação e utilização dos símbolos sagrados e religiosos. Poderíamos dizer neste caso, que os símbolos sagrados possibilitaram uma significação ou ressignificação artística pelos integrantes do *heavy metal*.

A presente pesquisa visa, então, não somente fornecer descrições etnográficas, historiar, quantificar, enumerar, mapear e dissecar a exatidão o mundo artístico do heavy metal na cidade do Rio de Janeiro (o que requer semelhante tarefa com relação ao heavy metal no mundo e no Brasil, visto tratar-se de um mundo artístico de funcionamento em extensas redes nacionais, internacionais e, sobretudo, virtuais), mas também demonstrar que esse mundo artístico, através de suas convenções estéticas, transforma a percepção de símbolos sagrados por parte de seus integrantes, do domínio da religião para o âmbito da arte, do dado para o construído. (Lopes, 2006, 23).

Para Lopes sua pesquisa ultrapassa uma simples descrição etnográfica da socialização gerada em torno do *heavy metal* para encarnar na sua dimensão nacional, internacional e nas últimas décadas no espaço virtual. Ele aprofunda no momento histórico do surgimento desse estilo musical com os jovens sem esperança e perspectiva de futuro, vindo da classe operária e vivendo as crises que a sociedade passava naquela época, que foram discriminados por abordarem questões religiosas do mal pelo viés da tradição cristã.

Serão abordados aqui o momento histórico do surgimento, as origens operárias dos primeiros músicos e fãs do gênero, a maior presença de participantes de camadas médias atualmente, a subdivisão genérica intensa em curso, a história das principais convenções do gênero e de seus criadores – convenções essas relacionadas à camada social desfavorecida e ao período histórico de crise do princípio do *heavy metal*, essenciais para se compreender a discriminação contra o gênero por abordarem questões religiosas do domínio ontológico do mal da tradição cristã, e assim converterem símbolos sagrados em conversões artísticas. (Lopes, 2006, 71).

Essa discriminação ou rejeição do *heavy metal* na sociedade se dá por dois motivos, para Lopes. Primeiro, ocorrem pelos valores, ideias e crenças que são criados por esse grupo marginalizado, que encontra no apocalipse e no caos que é proposto pelas músicas do *heavy metal* um ataque direto de alteração das instituições sociais. O segundo ocorre com a apropriação dos símbolos sagrados e também dos signos apresentados no livro bíblico do Apocalipse, ressignificados em arte profana.

Há então dois fatores de peso na rejeição social ao gênero: o ethos de camadas perigosas e subordinadas (que recorrentemente fazem apelo a um apocalipse, ou um crepúsculo dos deuses – ragnarok que aparece em letras de *heavy metal*, no caso do *heavy metal* via arte – em que as estruturas sociais hierárquicas serão alteradas), e o conjunto religioso de símbolos sagrados do mal (comuns também no livro do Apocalipse da Bíblia) transmutados em arte profana. (Lopes, 2006, 71).

Essa rejeição ao *rock*, *heavy metal* e seus subgêneros mostrados por Lopes ocorreram no mundo inteiro. O que não foi diferente no contexto brasileiro com o preconceito e discriminação que este estilo musical sofreu. No entanto, a Comunidade Caverna de Adulão em Belo Horizonte, conseguiu dar uma nova significação ou ressignificação ao *rock*, *heavy metal* e seus subgêneros em suas práticas religiosas.

O *rock* é um dos exemplos dessa significação e abertura, onde as novas formas de linguagem, expressão, ícones, signos e outros objetos passam a ser utilizados na manifestação religiosa. A linguagem é o primeiro bem cultural de um povo e a partir dela, que significações são construídas e entendidas pelo grupo. Para Maffesoli, a linguagem pode ligar os

indivíduos às mais variadas redes sociais. “Sem nos pronunciarmos sobre o conteúdo dessa tendência, podemos considerar que a comunicação, ao mesmo tempo, verbal e não verbal, constitui uma vasta rede que liga os indivíduos entre si.” (Maffesoli, 2010, 139). A linguagem ou mesmo a comunicação nas suas mais variadas formas, expressam a experiência interna do grupo, reforçam os seus limites e ajudam em sua construção ética. O *ethos*, no contexto da Comunidade Caverna de Adulão, se constitui a princípio com os jovens que não se enquadram nos modelos de igrejas tradicionais e se refugiam ali para expressar sua prática religiosa em linguagem e cultura própria. Essas construções culturais e religiosas são vitais, pois “não há como ignorar a cultura, ainda mais por ela não ser estática, pois sempre está em processo de transformação.” (Rodrigues, 2006, 70).

Isso se evidencia, quando um jovem roqueiro, envolvido na tribo urbana, tem a liberdade em expressar sua espiritualidade com as próprias práticas da sua tribo ou grupo. Assim, o *rock*, como outros estilos musicais, as roupas, os cabelos longos, com cortes extravagantes ou coloridos, tatuagens, *piercings*, alargadores e outros elementos que antes seriam as marcas para apontar o que não é o estereótipo de um membro de uma igreja evangélica tradicional, podem ser incorporados às práticas religiosas.

Há um grande esforço por parte de teólogos, líderes religiosos e fiéis em utilizar os elementos que são construídos culturalmente. Diante da abertura e apropriação dos elementos culturais, igrejas e comunidades cristãs são desafiadas a acolher e proporcionar a esses jovens, práticas religiosas que façam sentido e estejam ligadas a todas as áreas de suas vidas. A possibilidade dessas práticas, conectadas à vida cotidiana juvenil foram captadas pelos pastores da Comunidade Caverna de Adulão. Verificamos o impacto dos elementos culturais como o *rock* nas práticas religiosas da comunidade. Assim, não são os jovens que mudam seus padrões culturais, mas a instituição religiosa é quem muda e se molda às suas necessidades.

Em 1992, a Comunidade Caverna de Adulão começou, quando alguns jovens e os pastores Fábio de Carvalho e Eduardo Lucas, despertaram para a necessidade de levar a mensagem do Evangelho aos roqueiros da tribo de *headbangers* em Belo Horizonte. O trabalho começou nas ruas, praças e a cidade foi considerada a capital brasileira do *rock* pesado. “Essa preocupação é fácil de perceber, por ser Belo Horizonte, nessa época, considerada verdadeiro celeiro de bandas de estilos radicais, tais como o *Rock Progressivo*, *Rock Popular*, *Heavy Metal*, *Grind Core*, *Hard Core*, *Crossover*, *Punk Rock*, *Gótico* e *Grunge*, entre outros.” (Rodrigues, 2006, 130). O olhar desses pastores, revela uma sensibilidade pelas revoltas, incertezas, contestações, modo de pensar e inquietações dessa faixa etária, e também suas indiferenças às instituições sociais estabelecidas, inclusive a Igreja.

“É a partir da vida cotidiana que ocorre a reflexão do contexto dos jovens e adolescentes presentes nas tribos urbanas e na cena alternativa¹² e *underground*¹³.” (Rodrigues, 2007, 155). Assim, esses pastores entenderam que as igrejas *tradicionais* não conseguiam se comunicar com as tribos urbanas *headbangers*.

Como entenderam a socialização na prática juvenil e como funcionavam os espaços públicos da cidade, para esses roqueiros que estavam nessas tribos. A apropriação das praças, parques e outros lugares públicos, eram feitas não só pela falta de dinheiro para o lazer, mas principalmente pelo prazer de estar juntos e realizar as mesmas práticas da tribo. A comunidade deu uma *nova* significação as práticas religiosas, ao acolher os roqueiros que estavam nessas tribos. “Muitos são os jovens alcançados por meio da Palavra cantada na música *rock*, e isso ocorre com bandas, igrejas e comunidades que desenvolvem eventos, tanto em templos como em ruas, praças, vilas e aglomerados, com o objetivo de evangelizar os jovens e adolescentes, usando tal estilo contemporâneo como atrativo.” (Rodrigues, 2007, 155).

Essas igrejas e comunidades ao desenvolverem tais eventos, nos mais variados espaços públicos, sinalizam para uma abertura religiosa aos elementos da cultura. Jovens que não tinham nenhuma prática religiosa passaram juntos a viver e a vivenciar o cristianismo. Este trabalho, alcançou com o passar dos anos outras tribos urbanas, que foram atraídas à comunidade. Em 1995, após trabalhar com outras Igrejas e cristãos, o grupo recebe a ajuda e nasce então a Comunidade Caverna de Adulão. Atualmente, a comunidade possui doze Ministérios¹⁴ que funcionam como braço tanto interno, servindo a seus membros, como externo no serviço à sociedade. Destacamos o Ministério Pastoral com cinco pastores e uma pastora, e o Ministério de Pastores em treinamento com dois pastores. Também, destacam-se outros Ministérios como: Diaconia, Crianças, Louvor, Dízimos e ofertas, Projeto Reconstruir, Evangelismo na rua Guaicurus e Vigília de oração, Reunião de oração, Encontro de Casais, Comunicação, Assessoria de imprensa, arquivo e memorial.

12. Como termo sociológico, o alternativo se estabelece com a sucessão de duas coisas reciprocamente exclusivas, opção entre duas formas de relacionar dentro de um grupo social ou da sociedade. A cena alternativa com os jovens roqueiros começa a partir de 1990, esse movimento juvenil abre a possibilidade entre uma ou outra alternativa nas fusões da música *rock* com outros estilos musicais, o que antes não era aceito dentro dos movimentos juvenis pelo radicalismo de seus membros.

13. Cultura que não é divulgada pelos meios de comunicação de massas, subterrânea, clandestina ou oculta diante de um grupo social ou de toda uma sociedade.

14. Os Ministérios são áreas de atuação do serviço pastoral da Comunidade Caverna de Adulão, que desenvolvem trabalhos na comunidade, com outras igrejas, nas ruas e praças e também junto a vilas e aglomerados. Estes Ministérios contam com o serviço dos membros da comunidade para atuarem, tanto na comunidade quanto na sociedade em geral. Este levantamento ocorreu entre 2016-2018 e pode ter mudado.

Devido à socialidade ocorrer mais especificamente com as tribos urbanas *headbangers* e com a cena *underground*, no início da comunidade havia uma desconfiança de outras igrejas evangélicas, por não aceitarem esses jovens adeptos do *rock* pesado em seus templos. Embora as práticas religiosas sejam em muito parecidas com outras igrejas e comunidades evangélicas tradicionais, havia na Caverna a socialização e aceitação de grupos que muitas vezes seriam marginalizados no contexto religioso e na sociedade. Ali esses jovens ligados à tribo urbana *headbanger*, podiam expressar sua espiritualidade na sua própria linguagem e cosmovisão.

Os laços sociais ultrapassam as formas instituídas e se criam e recriam nos encontros. Para Maffesoli, as elaborações do divino são sociais. Elas se potencializam e se dinamizam na partilha, nas situações de vida mais corriqueiras, ou seja, ocorrem no encontro com o outro. “Entretanto, é bom lembrar que o divino é oriundo das realidades quotidianas, que ele se elabora, pouco a pouco, na partilha dos gestos simples e rotineiros. É nesse sentido que o *habitus* ou o costume servem para concretizar, para *atualizar* a dimensão ética de toda a sociedade.” (Maffesoli, 2010, 61). Não somente o hábito fomenta a dimensão ética da sociedade, mas também a ajuda mútua, que se fundamenta na proximidade, no contato, no simples momento de estar juntos, no partilhar das mesmas ideias e atitudes. “Podemos, então, dizer que a ética é, de certa forma, o cimento que fará com que diversos elementos de um conjunto dado formem um todo.” (Maffesoli, 2010, 53).

A socialização nas tribos *headbanger* estrutura-se com o *rock* que é produzido e consumido na socialidade do grupo. Jovens, que muitas vezes estariam à margem de seus direitos na sociedade, utilizam esse estilo musical, não apenas como uma função de entretenimento, mas como instrumento de denúncia e reivindicação de seus direitos básicos. Esses jovens são atraídos à Comunidade Caverna de Adulão, justamente pela proximidade e aceitação de expressões culturais em linguagem própria nas práticas religiosas. Como também pela nova maneira de escolha, que possibilita de forma eletiva, a que tribo ou círculo religioso pertencer na pós-modernidade. A dimensão social e a possibilidade das relações interpessoais é o que passa a dar sentido à vida em comunidade. “Mais do que a pureza da doutrina, é o viver e o sobreviver juntos que preocupa as comunidades de base.” (Maffesoli, 2010, 109).

Nessa abertura para novas possibilidades e maneiras *diferentes* da manifestação religiosa, a Comunidade Caverna de Adulão se apropria e se amolda à cultura para comunicar o Evangelho às mais variadas tribos urbanas. Conforme descrito por Maffesoli: “Com efeito, o que tende a predominar nos momentos de fundação é o pluralismo das possibilidades, a efervescência das situações, a multiplicidade das experiências

e dos valores, tudo aquilo que caracteriza a juventude de homens e das sociedades.” (Maffesoli, 2010, 117-118). Percebemos que as mais variadas experiências humanas contribuem para a construção dos laços sociais. Para Maffesoli, a religião é também um fator importante na construção do laço social, pois ela aglutina as pessoas em torno do mesmo pensamento e sentimento. Ainda de acordo com o sociólogo, a religião é fundamental para a sociabilidade, pois “a religião, aqui, é aquilo que liga. E ela liga porque existe o ombro a ombro, porque há a proximidade física.” (Maffesoli, 2010, 74).

Os agrupamentos sociais e religiosos como no caso da Comunidade Caverna de Adulão, ultrapassam as fronteiras das tradições e das instituições sociais para mergulhar na dimensão comunitária de ligação ou religação das pessoas. “O *ethos* comunitário designado pelo primeiro conjunto de expressões remete a uma subjetividade comum, a uma paixão partilhada, enquanto tudo o que diz respeito à sociedade é essencialmente racional.” (Maffesoli, 2010, 110).

O *rock* e a religião adaptam-se às mais diversas culturas em que são inseridos, o que pode proporcionar aos jovens a possibilidade de utilizá-los em suas construções culturais. Como vimos, para Durkheim, a religião tem o poder de unir todos os membros do grupo em coletividade. “Os indivíduos que a compõem se sentem ligados uns aos outros pelo simples fato de terem uma fé comum. Uma sociedade cujos membros estão unidos pelo fato de conceber, da mesma maneira, o mundo sagrado e suas relações com o mundo profano, e de traduzir essa concepção comum em práticas idênticas é o que se chama de igreja.” (Durkheim, 1989, 75-76).

Portanto, a adesão dos jovens à Comunidade Caverna de Adulão pode estar atrelada a pontos comuns e às práticas idênticas dos jovens. Nesta comunidade, a religião e o *rock* possibilitaram a socialização com o culto de forma contextualizada e livre aos seus participantes. O que poderia ser uma manifestação religiosa nos moldes tradicionais das igrejas evangélicas e protestantes, aqui ocorre com a música *rock* e as mais variadas tribos urbanas que se juntam para expressar sua espiritualidade de forma alternativa. O que abre possibilidades para novas práticas religiosas e cultos em nossos dias, que se manifestam de maneiras diferentes ao se apropriarem de elementos culturais, que antes não eram utilizados.

APROPRIAÇÃO DE ELEMENTOS CULTURAIS PARA UMA PRÁTICA RELIGIOSA CONTEXTUALIZADA

Verificamos que não há como desenvolver uma prática religiosa sem observar e se apropriar dos elementos culturais e do cotidiano humano. Essa prática só pode ser fértil quando não está divorciada e alienada das diversas áreas da vida. Sua plenitude ocorre quando as práticas religiosas

e as construções culturais estão em constante diálogo. Este diálogo com os segmentos da sociedade sinaliza para uma religião contextualizada, aberta, viva e dinâmica. A cultura está em constante transformação, a vida humana só tem sentido quando conseguimos construir e transformar a cultura, com as mais diversas formas e significações.

Na visão de Tylor, “Cultura ou Civilização, tomada em seu mais amplo sentido etnográfico, é aquele todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costume e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem na condição de membro da sociedade.” (Tylor, 2005, 69). Tudo que o ser humano constrói ou cultiva na cultura acaba por se estabelecer posteriormente pela vivência e prática social. Dentre as várias áreas que Tylor aponta, destacam-se aqui as crenças e a arte. Ambas, remetem à construção cultural com o *rock* como manifestação religiosa e elemento de uma prática espiritual alternativa na tribo urbana *headbanger* entre os jovens da Comunidade Caverna de Adulão.

A definição de Tylor mostra que a cultura é edificada com os conhecimentos que são adquiridos socialmente. Maffesoli sinalizou para as duas culturas dentro de uma mesma cultura. De um lado ele mostrou os “proprietários da sociedade” como “poder instituído”, que têm o poder de decisão e mudança. Por outro lado, ele mostrou a “potência instituinte”, que fica à margem da tomada de decisões e assim do poder. “Em suma, o *poder* instituído, sob suas diversas formas: cultural, religiosa, social, econômica, contra a potência instituinte” (Maffesoli, 2010, 01). Maffesoli, expõe a tensão dentro da cultura referente às manifestações culturais. O que não é aceito pelo poder instituído, pode ser sufocado como foi com o *rock* e as tribos urbanas *headbanger* décadas passadas. Isto pode acontecer até mesmo dentro do contexto religioso como foi com a banda californiana *Stryper*, que mesmo sendo cristã sofreu inúmeros preconceitos na sociedade e até mesmo de grupos religiosos no seu próprio país, os Estados Unidos. Isso devido à utilização do título do disco: *To hell with the devil* e de um pentagrama na capa desse mesmo disco em 1986.

Nem mesmo a banda de metal cristão *Stryper* foi poupada do fervor dos donos da verdade. A banda refez voluntariamente a arte de seu disco de 1986, *To hell with to the devil*, por causa de controvérsias sobre a capa inspirada no Novo Testamento: “Nós recebemos rajadas dos cristãos que pensavam que pusemos um pentagrama lá só pelo prazer de colocar um pentagrama”, conta o vocalista do *Stryper*, Michael Sweet. “Um dos anjos havia arrancado um cordão do pescoço de Satã e arremessado longe, e isso era o pentagrama. As pessoas interpretam equivocadamente, e então, para evitar controvérsias e problemas em potencial, fizemos uma capa toda preta, só com o logo do *Stryper*.” (Christe, 2010, 159-161).

A amplitude nas formas de socialização com a pluralidade e diversidade de vida no contexto citadino, possibilitam a abertura e aceitação de

cosmovisões culturais na pós-modernidade. A cultura compreende todas as possibilidades de enriquecimento intelectual e do aprendizado que serão construídos por toda a vida do indivíduo. Esse indivíduo no ambiente cultural terá suas lacunas preenchidas nas representações dos vários papéis sociais. A religião como uma parte do grande mosaico cultural, possibilita manifestações religiosas que absorvam elementos culturais com novos sentidos e significados. Em torno da construção cultural como espaço de alteridade os jovens encontram a possibilidade de fusão do rock com a religião. Outro aspecto que facilita o uso de elementos como o rock na prática religiosa na comunidade é a abertura para a diversidade de culturas. No entanto, a fusão e abertura podem não ocorrer quando comunidades e igrejas se fecham em suas reflexões teológicas e culturais, não observando a riqueza e a diversidade cultural, proporcionadas pelas várias cosmovisões na atualidade. Essa riqueza da diversidade para Maffesoli tem solo fértil com o tribalismo pós-moderno. “O cotidiano e seus rituais, as emoções e paixões coletivas, simbolizadas pelo hedonismo de Dionísio, a importância do corpo em espetáculo e do gozo contemplativo, a revivescência do nomadismo contemporâneo, eis tudo que acompanha o tribalismo pós-moderno.” (Maffesoli, 2010, 03).

O tribalismo pós-moderno, com o arcaísmo¹⁵, volta à fonte, às bases e ao primitivo, ao mesmo tempo passa pela vitalidade da vida. Podemos observar aqui uma correlação do arcaísmo com o nome Caverna de Adulão, que dá origem à comunidade em Belo Horizonte. A menção à caverna de Adulão encontra-se no Antigo Testamento¹⁶. Este texto bíblico mostra a fuga de Davi para a caverna de Adulão fugindo do rei Saul. Posteriormente, cerca de 400 homens que estavam marginalizados e oprimidos se juntaram a Davi, que se tornou líder deles. No contexto bíblico e na Comunidade Caverna de Adulão hoje, observamos que ambos, são lugares de refúgio, refrigério, cura e aceitação das diferenças. Jovens que não se encaixavam nos padrões das igrejas evangélicas tradicionais, acabam vendo na Caverna um lugar de encontro, de pertencimento com os iguais e de afeto. A contracultura¹⁷ se estabelece ali com a socialização que vai na contramão de muitas igrejas cristãs e também da sociedade atual.

Do mesmo modo que Davi partilhava das mesmas emoções e sentimentos com os que foram com ele para a caverna de Adulão, isso também ocorre

15. Maffesoli (2010, 07) tem “mostrado que se podia caracterizar a pós-modernidade pelo retorno exacerbado do arcaísmo.” Ainda de acordo com Maffesoli, o arcaísmo causa um certo incomodo aos observadores sociais, que buscam um progresso linear e seguro, ao passo que o arcaísmo é um regresso que para ele caracteriza: *O Tempo das Tribos*. Esse regresso é um retorno em espiral de valores arcaicos unidos ao desenvolvimento tecnológico.

16. “Davi fugiu da cidade de Gate e foi para a caverna de Adulão. Quando seus irmãos e a família de seu pai souberam disso, foram até lá para encontrá-lo. Também se juntaram a ele todos os que estavam em dificuldades, os endividados e os descontentes; e ele se tornou o líder deles. Havia cerca de quatrocentos homens com ele.” (1Samuel 22. 1-2).

17. A contracultura parte do princípio da rejeição e do questionamento dos valores e práticas da cultura dominante da qual fazem parte.

hoje com as tribos urbanas espalhadas pelas cidades, que se aglutinam nos compartilhamentos, sentimentos partilhados e de pertencimento, no estar juntos e na sociabilidade. Neste aspecto é bom lembrar que Maffesoli utiliza o termo tribo de forma pioneira. “Em uma época em que isso não era moda, propus a metáfora da ‘tribo’ para observar a metamorfose do vínculo social.” (Maffesoli, 2010, 04). As mudanças no vínculo social pós-moderno, de acordo com Maffesoli, ocorrem com duas raízes essenciais. “De um lado, o que salienta os aspectos ao mesmo tempo ‘arcaicos’ e juvenis do tribalismo. De outro, o que salienta sua dimensão comunitária e a saturação do conceito de Indivíduo. Eis, parece-me, as duas raízes do tribalismo pós-moderno.” (Maffesoli, 2010, 05).

Podemos notar que o retorno dos jovens ao arcaico, a busca por uma dimensão comunitária e a saturação do conceito de indivíduo, já sinalizam para descrença e insatisfação desses jovens com as instituições vigentes contemporâneas. O que possibilita a leitura e releitura de fases anteriores da cultura a procura de estabilidade ou maturidade da organização social em suas mais diversas áreas.

Ainda de acordo com Maffesoli, o arcaísmo aponta para a riqueza da dimensão comunitária, que ocorre no encontro com o outro, com o diferente, e quebra o domínio do individual e do privado. “Esta é a lição do ‘arcaísmo’ pós-moderno: torna-se a representar, em todos os domínios, a *paixão comunitária*. Podemos nos defender dela, ofender-nos com ela, negá-la, proteger-nos dela, pouco importa; a tendência que nos empurra em direção ao outro, que nos incita a imitá-lo, está presente.” (Maffesoli, 2010, 15). O que Maffesoli chamou de “arcaico”, podemos ver entre as tribos juvenis na atualidade com os movimentos que se estabelecem como contraculturais, com a cena alternativa e *underground*. Ambas, também sinalizam para a fertilidade da vida comunitária e queda do individualismo. “Nesse sentido, antes de ser político, econômico ou social, *o tribalismo é um fenômeno cultural*.” (Maffesoli, 2010, 06).

A Comunidade Caverna de Adulão traduz tanto o aspecto arcaico e juvenil do tribalismo, quanto aponta a dimensão comunitária e o declínio do individualismo em suas práticas religiosas. A comunidade manifesta sua prática religiosa de forma aberta e possibilita a utilização do *rock* como elemento cultural na linguagem juvenil na tribo urbana *headbanger*. Também possibilita práticas religiosas na pós-modernidade, que vão além das igrejas evangélicas *tradicionais*. Com as *novas* formas ou práticas religiosas esses jovens sinalizam para uma espiritualidade alternativa com novas roupagens, leituras, releituras e linguagens que sejam acessíveis para manifestar a sua religiosidade de forma aberta e contextualizada.

Com o ritual, suas repetições e com o culto, os jovens expressam sua religiosidade e tornam os laços internos da tribo mais fortes. Conforme Durkheim: “os ritos são regras de comportamento que prescrevem como o homem deve se comportar com as coisas sagradas.” (Durkheim, 1989, 72). Isso sinaliza para o comportamento ético do grupo, diante do sagrado ou das práticas religiosas. Ainda de acordo com Durkheim uma religião pode diversificar ao utilizar elementos da cultura no qual está sendo inserida. Ela se apresenta como um todo, mas é formada por partes diferentes, com cada indivíduo, suas experiências e subjetividades. “[...] uma religião não se fixa necessariamente em única e mesma ideia, não se reduz a princípio único que, mesmo diversificando-se conforme as circunstâncias às quais se aplica, seria, no fundo, sempre idêntico a si mesmo: trata-se de um todo formado de partes distintas e relativamente individualizadas.” (Durkheim, 1989, 72-73).

O cristianismo exemplifica a religião que se amolda às circunstâncias e culturas diversas por onde passa, em que o todo é formado por partes diferentes. Onde o cristianismo foi introduzido, ele utilizou os elementos da cultura, a começar pela língua, para se expressar e se fazer inteligível aos fiéis. A Comunidade Caverna de Adulão, em sua prática religiosa, também se apresenta como uma dessas partes e diferencia-se pela utilização de elementos da cultura como o *rock*. Embora seja uma igreja como muitas outras espalhadas pela cidade de Belo Horizonte, ela desenvolve uma religiosidade que se amolda à linguagem e à necessidade desses jovens. A alteridade e a responsabilidade dos membros da igreja para com os jovens e a sua sociabilidade é o que importa para as tribos que aderem à comunidade.

As práticas religiosas na comunidade se estabeleceram com a socialidade dos jovens das tribos urbanas e também com as pessoas de várias idades. Essa formação heterogênea mostra a diversidade da religião como um grande mosaico, onde as partes, representadas por cada indivíduo, compõem esse grande mosaico e estabelecem ali a socialização entre todos os membros da comunidade. Para Durkheim, essa diversidade de grupos afins não ocorre pela concordância espontânea e preestabelecida, mas acontece por uma mesma força que impulsiona os indivíduos na mesma direção. “Se todos os corações vibram em uníssono, não é por causa de uma concordância espontânea e preestabelecida; é porque uma mesma força os move no mesmo sentido. Cada um é arrastado pelos outros.” (Durkheim, 2011, 37).

Durkheim mostra uma vibração dos grupos que se movem no mesmo sentido e um *contagia* o outro dentro do grupo maior. Maffesoli observa que o sentimento de pertencimento, o afeto e o estar juntos, para compartilhar as mesmas emoções é a força que move as tribos urbanas no

mesmo sentido. Esse compartilhar das mesmas emoções, gostos e afetos, gera uma concordância, uma força motriz entre os indivíduos nas suas práticas sociais e pode ser observada na Comunidade Caverna de Adulão, nas práticas religiosas desenvolvidas pelos jovens que ali se socializam. Ainda de acordo com Durkheim (1989, 73) a religião é um “todo formado de partes distintas e relativamente individualizadas.” Nesse aspecto, na religião os *diferentes* se socializam por algum ponto em comum, ou seja, algo que possa uni-los como uma “tribo” na metáfora proposta por Maffesoli, o que não desfaz a individualidade de cada parte que compõe o todo.

Partindo desse princípio, consideramos que mesmo que as práticas religiosas da comunidade, provoquem algum *estranhamento* para as igrejas tradicionais com sua forma diferente em comunicar a Palavra de Deus a grupos marginalizados, entre eles, os jovens que estão nas tribos urbanas *headbanger* com o *rock*, essas práticas acabam garantindo seu lugar na sociedade contemporânea. Para esses jovens o que é importante são os relacionamentos pessoais e interpessoais. Ao adaptar a mensagem à necessidade dos jovens, cada membro se vê como uma pequena parte, com seu pequeno relato que se encaixa e que faz sentido em um relato maior. Dessa forma, esses jovens, que de outra forma não poderiam expressar sua espiritualidade em linguagem própria, encontram ali a possibilidade para isso. A comunidade se apropria do *rock* como um dos elementos culturais e a prática religiosa aqui, se estabelece como uma *parte* de um todo que formam também as outras igrejas protestantes e evangélicas.

Percebemos que na manifestação religiosa, as igrejas protestantes podem ser vistas como centro organizacional por serem tradicionais ou históricas, mas há também a manifestação periférica de Ministérios, Igrejas e Comunidades que desenvolvem suas práticas religiosas de forma mais livre e espontânea atualmente. Essa espontaneidade aponta para manifestações religiosas que tem o poder e liberdade de criar, amoldar e transformar suas práticas religiosas com a adesão de elementos próprios da cultura, como a música *rock*.

Assim, com a grande diversidade atual, a manifestação e as práticas religiosas propagam-se e desenvolvem-se em situações e lugares que para muitos líderes religiosos e suas respectivas instituições, seriam impensadas, “[...] e não existe religião por mais unitária que possa ser que não reconheça pluralidade de coisas sagradas.” (Durkheim, 1989, 73). No pensamento de Durkheim a religião reconhece que o campo das coisas sagradas é muito vasto.

Observamos que não só a religião tem essa amplitude dentro da cultura. Outros elementos culturais também têm uma produção e consumo muito grande. A música é um exemplo dessa vastidão da produção cultural, que

pode variar entre cidades, estados e países. Na perspectiva da cultura *underground* há uma grande rede de significados para os jovens que nela se socializam, pois utilizam elementos culturais para dar sentido às próprias práticas do grupo.

Ao partilhar o que é produzido pela tribo urbana, com os mesmos gostos, sensações, ideais e gestos, os jovens se unem pelo fato de estar juntos e pelo sentimento de pertencimento. Assim, a cultura *underground* sedimenta-se no ritual e na repetição da produção juvenil, que gera uma identidade e a sociabilidade própria. A comunidade exaure todas as suas forças na criação e recreação dos limites do grupo, com a união da ética comunitária e da solidariedade. Estas acabam desenvolvendo o ritual, que pela sua repetição dão segurança à comunidade.

A comunidade, por sua vez, esgota sua energia na própria criação (ou, eventualmente, recreação). Isto é o que permite estabelecer um laço entre a ética comunitária e a solidariedade. Um dos aspectos particularmente marcantes dessa ligação é o desenvolvimento do ritual. Como sabemos, este não é, propriamente, teleológico, isto é, orientado para um fim, pelo contrário, ele é repetitivo e, por isso mesmo, dá segurança. Sua única função é reafirmar o sentimento que um dado grupo tem de si mesmo. (Maffesoli, 2010, 47).

Conforme demonstrado por Maffesoli, a criação de uma comunidade, se estabelece também na recreação, ou seja, ela se estrutura pelo simples prazer em fazer algo junto, que gera o convívio social amalgamado do grupo. Percebemos no *rock* e na religião, aspectos claros das construções culturais que homens e mulheres estabelecem no mundo, e em cada contexto de vida específico. Do mesmo modo que há uma sociabilidade em torno do *rock* como estilo musical entre os jovens que estão nas tribos urbanas, há também a sociabilidade na religião. Conforme relata Durkheim: “As crenças propriamente religiosas são sempre comuns a determinada coletividade que faz a profissão de aderir e de praticar os ritos ligados a elas. Elas não são apenas admitidas a título individual, por todos os membros dessa coletividade; são coisas do grupo e constituem a sua unidade.” (Durkheim, 1989, 75).

Sem a socialização entre as pessoas e os grupos não haverá hábitos, costumes e o estabelecimento da cultura. A religião, as tribos urbanas e qualquer outra forma de socialidade, ocorrem pela adesão e pela prática em unidade. A utilização de elementos da cultura, na manifestação religiosa na Comunidade Caverna de Adulão, ocorre, pela aceitação à manifestação dos jovens com o *rock* e as tribos urbanas. A pós-modernidade abre a possibilidade para aceitar a diferença, assim como a utilização das várias formas de linguagens, leituras e releituras, possibilitam construções e apropriações de elementos culturais que acabam sendo incorporados lentamente às práticas religiosas.

Poderíamos sintetizar a cultura descrita por Tylor (2005) como um conjunto de aprendizados nas mais variadas áreas humanas, no qual o ser humano está em constante aprendizado. Embora Maffesoli (2010) tenha apontado para duas culturas dentro da cultura, com o *poder instituído* e com a *potência instituinte*, esta última para ele é a que fomenta as socializações com o sentimento de estar juntos, pertencimento, partilha, emoções, gostos e as mesmas sensações. A cultura poderia assim, ser estabelecida como toda a produção e acumulação de conhecimento de um povo, nação, etnia, grupo ou comunidade.

O *rock* e a religião como elementos construídos culturalmente, podem transformar-se e amoldar-se às mais diversas culturas e costumes. Ambos renascem, ressurgem, ressuscitam a cada dia com novas formas, linguagens e misturas. Em garagens, pequenas lojas, galpões, estádios e para públicos de milhares de pessoas. No entanto, não é a grandeza que tais manifestações podem gerar que nos chamam a atenção, mas sim a construção de algo que até então era impensado, a saber, *rock* e religião. Assim, podemos ver que a pós-modernidade abre possibilidades para uma manifestação cultural e religiosa contextualizada para aqueles que as recebem. O *rock*, as tribos urbanas, a cena alternativa e *underground* lembram em muitos aspectos a religião. Todas estas manifestações estão carregadas de paixão, devoção e têm grande caráter apologético para os seus membros. Além de serem encarnadas na vida cotidiana, também são vividas e transmitidas de geração para geração de forma cultural. Isso acontece pelo indivíduo não viver ilhado e também por estar ligado a uma rede cultural que é muito ampla. “Isso posto, redescobrimos que o indivíduo não pode existir isolado, mas que ele está ligado, pela cultura, pela comunicação, pelo lazer e pela moda, a uma comunidade.” (Maffesoli, 2010, 140).

Observando o nascimento do *rock*, notamos que ali já estava a fonte de uma música sagrada e profana com o *blues* e o *gospel*, em ambos os casos essa música representou um grito de liberdade contra todo tipo de injustiça e opressão. Os efeitos contestatórios do *rock* ecoaram nas décadas subsequentes, a começar com a juventude em 1950 com o “*rock’n’roll*” e a geração “*baby boom*” com o pós-Segunda Guerra Mundial, o que gerou outras evoluções dentro do próprio *rock*, com o *heavy metal* e seus subgêneros até os nossos dias. Deixando o *rock* cada vez mais pesado, rápido, agressivo e ruidoso, com o *heavy metal*, *thrash metal*, *death metal* e o *black metal*. As culturas juvenis tornaram-se mais livres e os jovens passaram a ter mais autonomia em suas construções culturais nos países ocidentais.

Anteriormente, relatamos que o termo “tribo” foi proposto por Maffesoli como metáfora, e observava as transformações do vínculo social. Entretanto, para Pais (2004, 10), a utilização do termo “tribo” pode causar algum

tipo de preconceito, ao criar uma “etiqueta” que se transforma em rótulos que são aplicados aos jovens. Esses jovens podem não se identificar com a etiqueta imprimida a eles. Ainda correm o risco de serem confundidos com grupos juvenis que estão em conflito com a lei como “bandos” e “gangs”. Assim, podem sofrer algum tipo de preconceito por rótulos que são criados para algumas tribos. “Os jovens são o que são, mas também são (sem que o sejam) o que deles se pensa, os mitos que sobre eles se criam. Esses mitos não refletem a realidade, embora a ajudem a criar.” (Pais, 2004, 11).

Magnani (2005, 175) observa as limitações do termo “tribos”, pois ele é usado nos estudos tradicionais de etnologia para laços mais profundos e duradouros, como clãs, tribos, segmentos e grupos locais. Porém, para os jovens o termo significa justamente o contrário, ou seja, uma fragmentação e uma postura contra a cultura de massas.

De acordo com Pais, o próprio termo “tribo” já carrega em si a ideia de atrito, resistência e oposição. “Com efeito, tribo é um elemento de composição de palavras que exprime a ideia de atrito (do grego *tribé*), isto é, a resistência de corpos que se opõem quando se confrontam. Esta dimensão de resistência grupal, substantivamente ligada à ideia de atrito, encontra-se presente no fenômeno das tribos urbanas.” (Pais, 2004, 12).

Nesse sentido percebemos que os jovens nas tribos urbanas *headbangers*, ainda hoje, utilizam o *rock*, como elemento cultural em suas contestações aos poderes instituídos. Apesar de usar a metáfora da “tribo” para designar as transformações do tempo vigente, Maffesoli entende que ela não dá conta de expressar com segurança este conceito.

Há, reconheço, um verdadeiro paradoxo: indicar uma direção garantida com “palavras” não tendo, de modo algum, a segurança do conceito. [...] Talvez seja preciso saber aceitar, e viver, esse paradoxo. [...] é preciso saber se contentar com as metáforas, analogias, imagens, todas coisas vaporosas, que seriam os meios menos piores possíveis para dizer ‘o que é’, o que está em estado nascente. (Maffesoli, 2010, 04-05).

Ao utilizar o termo *tribos urbanas*, pensamos na questão metafórica proposta por Maffesoli, que demonstra as transformações nos vínculos sociais, com o sentimento de pertencimento e de estar juntos, o afeto, as paixões e as devoções comunitárias entre os jovens que se aderem à essas tribos. Outro fator para o uso desse termo, ocorre pelos membros da Comunidade Caverna de Adulão se auto denominarem como uma tribo do *rock*, quando do início da comunidade, e hoje se intitulam como uma tribo mais heterogênea e aberta à diversidade cultural. Ressaltamos que não só as manifestações culturais na comunidade são desenvolvidas de

forma contracultural. As pregações, a liturgia, o evangelismo¹⁸, a participação dos membros e dos pastores na vida da comunidade, mostram um formato diferente das igrejas evangélicas e protestantes tradicionais. No qual os jovens e toda comunidade constroem suas práticas religiosas de forma mais orgânica, aberta e contextualizada.

Esses jovens criam com o *rock* sua própria estética, ideologia e postura diante do mundo e sinalizam para o atrito e oposição com a cultura de massas. A começar pelo fato de utilizarem uma linguagem diferenciada no grupo e na produção musical com vocais executados de forma gutural e uma sonoridade rápida, agressiva e muito ruidosa. O vestuário extravagante também demonstra esse atrito e oposição com o que é convencionalmente definido pela cultura de massas. “A confiança que se estabelece

18. Ressaltamos que o evangelismo no início da Comunidade Caverna de Adulão, está intimamente ligado às tribos urbanas *headbangers* e a recém formada cena *underground* secular. A cidade de Belo Horizonte em meados da década de 1980, experimentava uma explosão da cena *underground* com a criação de muitas bandas de *heavy metal* e seus subgêneros. Nessa ebulição cultural da capital mineira em relação ao *rock* em 1991, um grupo de jovens se reúne para trocar informações sobre músicas e bandas estrangeiras de *rock* cristão. Esse grupo sente a necessidade de evangelizar seus antigos amigos da cena alternativa e *underground* e assim, passam a orar pedindo a Deus um pastor identificado com a subcultura do *rock* pesado. Em 1992 esse grupo troca algumas correspondências com o pastor Fábio de Carvalho, que morava em Londrina no Estado do Paraná. Em julho desse mesmo ano o pastor Fábio e sua família mudam-se para Belo Horizonte. Nessa época surgem as primeiras bandas de *White Metal* do Brasil, entre elas: *Saved*, *Razão* e *The Joker*. O grupo consegue a permissão para fazer os *shows* com essas bandas no salão da Comunidade Atos, que estava situada à rua Levindo Lopes, na Savassi, aos sábados. Esse evento ganha o nome de Refúgio do *Rock*. Devido ao crescimento do grupo e da demanda criada, o pastor Fábio começa a liderar o Ministério Santuário, criado para discipular os integrantes das bandas recém estabelecidas e também evangelizar a juventude ligada a tribo urbana *headbanger*. Posteriormente, são criados grupos de crescimento com reuniões semanais nas casas, com a finalidade de comunhão entre os jovens e para estudo bíblico. Já no ano de 1993 surgem mais bandas e cresce a agenda de *shows*. Em abril desse mesmo ano, um grupo de 12 jovens da Igreja Apostólica Renascer em Cristo, de São Paulo, visitam Belo Horizonte para conhecer o Ministério Santuário. Dessa visita e das experiências presenciadas surgiu a banda paulista Antidemon. Em setembro os pastores Fábio e Geraldo viajam para São Paulo, onde assistem à apresentação da banda norte-americana *Bride*, no evento SOS da Vida promovido pela Igreja Apostólica Renascer em Cristo. Em 1994, o grupo estreita relações com outros ministérios cristãos, como a JOCUM (Jovens Com Uma Missão) e *Hippies* de Cristo. O ano de 1995 foi crucial para o que viria ocorrer com o *underground* cristão em Belo Horizonte. Em janeiro o pastor Fábio desliga-se da Comunidade Atos e algum tempo depois o pastor Eduardo também se desliga da mesma. O pastor Fábio tenta levar aquele rebanho para alguma igreja, mas as poucas que aprovavam este tipo de trabalho com jovens ainda tinham dificuldade de entender e conviver com a cultura alternativa e *underground* cristã. Aqui há uma percepção em reconhecer aquele grupo não mais como ministério de uma igreja, mas como igreja, então o pastor Fábio convida o pastor Eduardo para que ambos pastoreiem e depois de um tempo ele aceita o convite. Em junho, em uma garagem de uma casa do bairro Cruzeiro, acontece o primeiro culto da nova igreja, formada por dois grupos distintos. O pastor Fábio com seu rebanho *underground* e o pastor Eduardo com seu rebanho *convencional*. Nessa época houve uma preocupação em não colocar um nome na nova comunidade, isto para não criar uma nova *denominação* ou *movimento*, dessa forma, a comunidade era mencionada informalmente como *Comunidade da Garagem*. Em se tratando de evangelismo, pelo fato do pastor Fábio trabalhar com o *underground*, ele era mais presente com o público juvenil. Isso possibilitava sua articulação com várias tribos urbanas, e não apenas as tribos urbanas *headbangers*, com o *rock* e o *heavy metal*, mas também com outras tribos urbanas que se socializavam em torno do teatro, cinema, *skate*, esportes, tatuagens, música em geral e outras situações que gerassem pertencimentos. Mesmo que isso fosse uma simples forma de parar para passar tempo juntos, para ver um filme ou ir aos *shows* de bandas preferidas desses jovens e adolescentes.

entre os membros do grupo se exprime por meio de rituais, de signos de reconhecimento específicos, que não têm outro fim senão o de fortalecer o pequeno grupo contra o grande grupo.” (Maffesoli, 2010, 159).

O ritual ocorre com a repetição e, embora as tribos pareçam ser destruturadas, contestatárias e subversivas, “a referência ao ritual sublinha que a qualidade essencial da resistência dos grupos e da massa é a de ser mais ardilosa do que ofensiva.” (Maffesoli, 2010, 159-160). Na resistência à cultura de massa que é estabelecida como padrão a ser seguido, as tribos urbanas podem sofrer alguma depreciação e preconceito, com o rótulo e o estigma que são dados aos seus membros. “Não é certamente por acaso que muitos grupos de jovens levam com o apodo de tribo. É que as suas condutas são vistas como desalinhas, confrontativas, exóticas.” (Pais, 2004, 13).

Mas, justamente a não aceitação da tribo pelo que é imposto como padrão cultural pela cultura de massas, que podemos ver o sentimento de pertencimento, o convívio e o sentimento de estar juntos. Nesse aspecto, as tribos unem os jovens que têm as mesmas sensações, emoções, interesses e ideais. “Se os indivíduos que integram algumas tribos urbanas se distanciam de determinados padrões sociais, não é propriamente com o objetivo de se isolarem de tudo o que os rodeia, mas para se reencontrarem com grupos de referência mais próximos dos seus ideais.” (Pais, 2004, 17).

Essa sociabilidade ocorre no *olho no olho* como as relações horizontais com os grandes fluxos de pequenas tribos.

Quando observamos com atenção, esse ombro a ombro indistinto, que se assemelha às peregrinações animais, é, de fato, constituído por uma multidão de pequenas células que entram em interação. Ele é, igualmente, pontuado por uma série de reconhecimentos, de pessoas e de lugares, que fazem desse caldo de signos de cultura um conjunto bem ordenado. (Maffesoli, 2010, 168).

Podemos observar que a Comunidade Caverna de Adulão utiliza elementos culturais como o *rock* em suas práticas religiosas. Mesmo que tais práticas pareçam contrárias à grande maioria das igrejas evangélicas tradicionais, as práticas da tribo urbana *headbanger* com o *rock* e a religião têm o poder de unir os contrários. “As tribos e suas lutas, a forte interdependência que constitui essas tribos, e ao mesmo tempo a necessidade de um Deus que una os contrários, eis aí o quadro epistemológico-mítico no qual se insere a dialética “do amor e do afastamento” que parece ser a base de toda estruturação social.” (Maffesoli, 2010, 185).

Portanto, o que percebemos nas práticas religiosas da Comunidade Caverna de Adulão e na espiritualidade alternativa desenvolvida pelos jovens ali, é que há uma abertura para a apropriação dos elementos culturais das

tribos urbanas *headbangers*. O que sinaliza para uma prática religiosa contextualizada, que respeita e aceita a manifestação desses jovens.

IGREJAS E COMUNIDADES UNDERGROUNDS: NOVOS MODELOS ECLESIAIS?

Para falar de igrejas e comunidades *undergrounds* ou de novas formas eclesiais na atualidade, fizemos a seguinte pergunta. *Igrejas e Comunidades Undergrounds: novos modelos Eclesiais?* Com este questionamento, buscamos entender como se deu a construção da relação religião e cultura de modo prático com a experiência dos jovens que gostavam de *rock* e estavam nas tribos urbanas *headbangers*, na Comunidade Caverna de Adulão. Posteriormente, observamos se ali havia a ocorrência de um novo modelo de igreja.

Percebemos que a Comunidade Caverna de Adulão em Belo Horizonte, se consolidou como uma comunidade cristã, que utilizava elementos da cultura, entre eles a religião e o *rock*, com a sociabilidade dos jovens das tribos urbanas. Notamos que nem sempre essa relação entre a religião e o *rock* foi tão harmoniosa, com os conflitos que se intensificaram ainda mais contra as bandas de *heavy metal* e seus subgêneros. No documentário *Metal: A Headbanger's Journey* (2005), apresentado pelo antropólogo canadense Sam Dunn, que se tornou fã do *heavy metal* quando ainda tinha 12 anos é mostrado sua jornada pelo mundo, captando diversas opiniões e perspectivas sobre o gênero musical conhecido como *heavy metal*. Ele pesquisou as suas origens, temáticas, estéticas, visuais, posturas e atitudes, bem como as controvérsias, e as razões pelas quais tanto é admirado e amado por diversos jovens, adolescentes e pessoas de várias idades pelo mundo.

Neste documentário Dunn, mostra que em 1986 o *heavy metal* se tornou a música mais popular no mundo inteiro com milhões de adeptos e na época da sua jornada em 2005, ele tentou entender por que o *heavy metal* sofria tanto preconceito e era discriminado. Como ele relata: “Esta música tem milhões de apaixonados fãs em todo o mundo. Mesmo assim, durante 35 anos tem sido estereotipada, repelida e condenada. Eu sei, por que a tenho defendido desde os meus 12 anos de idade.” (Metal, 2005).

O documentário mostra como a caça aos roqueiros e ao *heavy metal* começou nos Estados Unidos em 1984, via Congresso Americano e criação do PMRC *Parent's Music Resource Center*, que traduzindo seria Centro de Recurso Musical dos Pais. A banda *Twisted Sister* foi a primeira a sofrer essa discriminação com a música *heavy metal*. Dee Snider, vocalista da banda foi o primeiro a ser convocado a comparecer ao Congresso, como relatado.

1984 foi um ano bastante insensato para o *Twisted Sister*. Ouvíamos coisas sobre este Centro de Pais e Recursos Mu-

sicais e Tipper Gore, mas sem prestar muita atenção, porque tínhamos protestos de grupos religiosos em cada show. Então para nós era só outro grupo de pais que você sabe, colocava o *Twisted Sister* em sua lista de alvos. (Metal, 2005).

A partir de então, Dunn observou que a discriminação e perseguição contra as bandas de *heavy metal* se intensificavam, pois “o PMRC classificava as canções segundo violência, ocultismo, sexo, drogas e álcool.” (Metal, 2005). Nessa mesma direção, Christe mostra que o PMRC tentou atribuir ao *heavy metal* muitos problemas sociais e todo tipo de delinquência juvenil naquela época.

Respondendo àquilo que alguns viam como crise da música radical, o grupo de militância política Parliament’s Music Resource Center, ou PMRC, formou-se em 1984, pelo desassossego de Susan Baker, Tipper Gore e muitas outras esposas de conhecidos membros do Congresso. O grupo disseminava a teoria de que as crescentes estatísticas de suicídio e estupro entre adolescentes poderiam ser atribuídas às lascivas letras de rock. (Christe, 2010, 155).

Ainda de acordo com Christe, ocorreu uma expansão dessa perseguição e discriminação contra o *heavy metal* por parte da PMRC, durante o governo do presidente dos Estados Unidos Ronald Reagan, que se propagou para outros setores da sociedade com profissionais de várias áreas de atuação, inclusive líderes religiosos protestantes.

Ainda assim, a campanha do medo continuou em expansão durante a administração Reagan, na medida em que as audiências do PMRC outorgavam, a autoproclamados conhecedores do ocultismo, o status de profissionais – bizarros caçadores de bruxas dos tempos modernos que faziam palestras nos encontros das associações de pais e professores, encorajavam campanhas para que cartas de protesto fossem escritas e infiltravam-se pelos segmentos jornalísticos da televisão com regularidade alarmante. O trem da alegria estendeu-se em uma procissão de comediantes ressuscitados, policiais aposentados e ministros evangélicos, como Bob Larson, autor de uma série de obras que atacavam o rock. No seu livro independente, publicado em 1983, *Rock*, Larson alimenta o terror dos ignorantes com advertências improváveis sobre o suposto uso de projeção astral e rituais com sangue de galinha pelo Black Sabbath. (Christe, 2010, 159).

Observando os relatos de Christe sobre a perseguição indiscriminada que acontecia contra o *heavy metal* nos Estados Unidos, por pessoas de toda sociedade que supostamente poderiam formar um tipo de opinião, até mesmo com o crivo da religião, neste caso a evangélica. Hoje não é difícil entender a dificuldade que esse ritmo enfrentava, como também as barreiras que seriam enfrentadas por igrejas e comunidades cristãs que ousassem utilizá-lo em sua liturgia.

No entanto, isso foi o que aconteceu com a Comunidade Caverna de Adulão em Belo Horizonte no contexto brasileiro, menos de uma década depois. Além de utilizar esse ritmo dentro da comunidade nos cultos e eventos evangelísticos, os pastores Fábio e Eduardo também incentivavam a formação de bandas de *rock*, *heavy metal* e seus subgêneros. Isso mostrou uma profunda sensibilidade e respeito pela cultura desses jovens, que além de não serem discriminados ali, ainda poderiam adorar a Deus em sua própria cosmovisão e linguagem. Como também eram incentivados a sair das quatro paredes da igreja, para ministrarem nas ruas praças e lugares inusitados de Belo Horizonte, do Brasil e de outras partes do mundo.

Para Maffesoli, as práticas religiosas podem ajudar na ampliação da sociabilidade, pois estabelecem laços mais estreitos entre as pessoas e isso ajuda a enfrentar as adversidades da vida. “Que a religião (*re-ligare*) seja a expressão de uma socialidade plural, [...], não é de nenhuma forma surpreendente. Com efeito, convém lembrar que antes de institucionalizar-se, com sabida rigidez, as reuniões religiosas servem, antes de tudo, para manter o calor, para cerrar as fileiras diante da dura “ordem das coisas”, social ou natural.” (Maffesoli, 2010, 185).

Essa socialidade plural que a religião pode proporcionar com o sentimento de pertencimento, e o calor produzido pelo ombro a ombro, também pode ser observada na composição da comunidade. No início o trabalho era voltado para os jovens que estavam nos grupos marginalizados e discriminados na sociedade. Hoje, ela tem como membros, homens, mulheres, crianças e pessoas das mais variadas idades. Observamos também que não se trata de uma nova igreja ou comunidade, mas de práticas religiosas que fazem uso de manifestações culturais variadas, com leituras, releituras e novas formas e significações, que aqui utilizam o *rock* como um elemento cultural juvenil. Antes de prosseguirmos é bom salientar algumas diferenças entre igrejas e comunidades. De acordo com Brakemeier (2004, 49), “*comunidade* é a congregação local, enquanto *igreja* designa um conjunto de comunidades.” Ainda de acordo com o autor, igreja e comunidade são sinônimos *neo* testamentários.

De acordo com o Novo Testamento, porém, igreja e comunidade são sinônimos. A diferença está unicamente na origem etimológica. *Igreja* provém do grego *ekklesia*, que significa *assembleia*, enquanto *comunidade* é termo latino, designando um grupo unido por algo comum. Sob tal perspectiva, viver em comunidade é viver em igreja e vice-versa. Comunidade cristã sempre possui natureza *eclesial*. (Brakemeier, 2004, 49-50).

Outro fator de destaque é que as comunidades estão mais abertas a elementos culturais que as igrejas. Assim, estão mais envolvidas ao que é produzido pela cultura. A comunidade acaba sendo mais receptiva também à cultura pela sua liberdade quanto aos costumes, dogmas e estruturas

eclesiais, que são menos rígidas e engessadas que as igrejas no que tange as mudanças. Muitas comunidades evangélicas que desenvolvem seus trabalhos junto aos jovens, usam tal nomenclatura para se distanciar do formato de igrejas convencionais e terem mais abertura para todo tipo de grupo juvenil. Essas comunidades não estão ligadas muitas vezes as grandes igrejas, históricas ou não, mas são fiéis ao evangelho e estão contidas integralmente à igreja de Deus.

Isso não impede que as comunidades locais se apresentem em variedade de formas e em coloridos culturais. Elas têm o direito à diferença. Já na primeira cristandade conviviam cristãos de fala hebraica e grega, portanto oriundos de diferentes ambientes. Divergiam as tradições, os costumes, as etnias. Nem sempre a pluralidade cabia numa só organização comunitária. A igreja de Jesus Cristo não pode pretender a uniformidade. Ela precisa adequar-se ao contexto em que vive, articular o evangelho na respectiva cultural, falar a linguagem do povo. É digno de destaque que comunidade cristã não está atrelada a nenhuma cultura específica (cf. 1 Coríntios 9.19s.). Ela pode vestir os *trajes típicos* da respectiva localidade e região. Tem abertura para a multiculturalidade. Congrega gente concreta, de *todas as nações* (Mateus 18.18). (Brakemeier, 2004, 50).

As comunidades locais se estabelecem como solo fértil para as variedades de formas em diferentes ambientes. Essa pluralidade pode ultrapassar a organização comunitária e assim, sinalizar que nenhuma comunidade fique presa a uma cultura específica. Desse modo, o regionalismo é respeitado, com a incorporação dos elementos, próprios de determinados grupos. O que viabiliza a abertura para o multiculturalismo sem cair na tentação de monopolizar ou achatam manifestações que estão fora dos grandes centros urbanos. Verificamos que essas igrejas e comunidades *undergrounds*, que se apropriam de elementos da cultura, como *shows* de *rock* pesado em suas dependências, como a Comunidade Caverna de Adu-lão e outras comunidades e igrejas que fazem eventos com outros estilos musicais como a música eletrônica, que lembram as *raves* e boates. Elas desenvolvem este tipo de trabalho com os jovens e não estão restritas apenas às grandes metrópoles brasileiras, mas tem se espalhado para vários pontos do Brasil, e chegaram às cidades de pequeno e médio porte.

De acordo com Baggio (1997, 72), a Comunidade S-8 em Niterói no Rio de Janeiro foi a pioneira no Brasil a desenvolver seus trabalhos voltados para os jovens, desafiando os padrões culturais e apoiando bandas com estilos próprios. A comunidade iniciou suas atividades em 1971 com reuniões de jovens que buscavam orientação e tratamento para o uso e abuso de drogas. Vários problemas sociais têm levado comunidades e igrejas a darem respostas ao mundo que está em constante transformação. Observa-se na atualidade um grande crescimento da violência, das drogas, da promiscuidade, por haverem muitas cidades experimentado, em todo o mundo,

uma explosão demográfica, trazendo consigo graves problemas, típicos de grandes metrópoles.

Verificamos que assim como a Comunidade S-8, inúmeras igrejas, comunidades, tanto pequenas como grandes, desenvolvem trabalhos específicos, junto aos jovens que estão nas mais variadas tribos urbanas espalhadas pelas cidades do Brasil. Entre elas destacamos a Comunidade *Metanóia* da cidade do Rio de Janeiro, fundada no final da década de 1990. Ainda nessa década, em 1998, o Projeto 242 começa suas atividades na cidade de São Paulo. Outra comunidade criada em São Paulo foi a Comunidade *Zadoque*, que posteriormente teve o seu nome mudado para *Crash Church Underground Ministry* e abriu também uma comunidade na cidade de Cuiabá no Estado do Mato Grosso. No Paraná, destacam-se a Comunidade *Gólgota* e a Comunidade *Refúgio*, ambas começaram suas atividades em 2000. O norte e nordeste do Brasil, merecem ser destacados pelo grande número de comunidades que desenvolvem trabalhos com jovens que estão nas tribos urbanas, entre as tais, destacamos na cidade de Palmas a Comunidade *Zoe* e em Belém, destacamos a Comunidade *Altar*.

Minas Gerais desponta com inúmeras igrejas e comunidades com trabalhos voltados para os jovens que estão inseridos nas tribos urbanas. Em Uberlândia, destacamos a Comunidade *Manifesto Missões Urbanas*. Na região do Vale do Aço, na cidade de Ipatinga destacamos a Comunidade *Grito de Alerta*. No Vale do Rio Doce, em Governador Valadares o destaque é a Comunidade *Impacto Urbano*. Na Zona da Mata, em Juiz de Fora destacamos a *Caverna do Rock*.

No caso de Belo Horizonte, além de destacar a Comunidade *Caverna de Adulão* como a mais antiga em atividade e fruto da nossa pesquisa, destacamos também entre outras igrejas e comunidades, a Comunidade *Justiça e Retidão*, que realiza este tipo de trabalho junto aos jovens que estão nas tribos urbanas *headbanger* na região metropolitana de Belo Horizonte. A efervescência em Belo Horizonte entre as décadas de 80 e 90 com as mais variadas bandas de *rock* pesado já apontava para a capital mineira como celeiro de bandas de *rock*, com seus subgêneros. Esta preocupação é fácil de perceber, pois Belo Horizonte era considerada o celeiro de bandas de estilos como: *Rock Progressivo*, *Rock Popular*, *Heavy Metal*, *Death Metal*, *Thrash Metal*, *New Metal*, *Doom Metal*, *Grind Core*, *Hard Core*, *Crossover*, *Punk Rock*, *Gótico* e *Grunge*, entre outros.

A banda *Sepultura*, de Belo Horizonte nos anos 90 foi considerada a maior banda de *rock* pesado do mundo. Na cidade havia também várias bandas de sucesso entre elas: *Overdose*, *Sex Trash*, *Sarcófago*, *Mutilator*, *The Mist*, *Eminence*, *Absolute Disgrace*, *Chakal* e muitas outras. A cidade, pela grande quantidade de bandas, em 1994 recebe o título de “Capital do *Rock*” na cena

alternativa e *underground* secular. A capital mineira entrava definitivamente no cenário do *rock* mundial com o “BHRIF” (Festival Internacional de Rock de Belo Horizonte). Ocorreu a apresentação de bandas nacionais e internacionais na Praça da Estação e na Serraria Souza Pinto. Este festival foi realizado pela Prefeitura de Belo Horizonte, em parceria com a iniciativa privada, aberto ao público em geral.

A cena alternativa e *underground* cristã também não ficou para trás, com o pioneirismo das primeiras bandas *undergrounds* de *rock* cristão e com o surgimento da Comunidade Caverna de Adulão no início da década de 1990. “Em Minas Gerais, segundo Tibério, surgiram as primeiras bandas *White metal*. O Ministério mineiro de *White Metal*, conforme informou Tibério, inicialmente chamou-se ‘Sanctuary Church’ e, em 1994, passou a se chamar ‘Caverna de Adulão’, nome que ostenta hoje.” (Costa, 2004, 54). Ainda de acordo com Costa, no final da década de 80 e início dos anos 90, as comunidades e igrejas começam a mudar seu campo de atuação para alcançar os jovens dos subúrbios das cidades. “Mais ou menos a partir desse momento começaram a surgir comunidades religiosas e igrejas evangélicas, que começaram a mudar a sua forma de atuação e os métodos de cooptação dessa juventude proveniente dos subúrbios das cidades brasileiras.” (Costa, 2004, 48).

Dessa forma, tanto comunidades quanto igrejas começaram a aceitar a manifestação cultural dos jovens dentro de suas práticas religiosas e o apoio dado pelos líderes religiosos a esses grupos ou tribos refletiu na frequência e permanência desses jovens nas suas igrejas. “Um dos atrativos é que, desde que aceitassem ‘Jesus’ e passassem a frequentar as igrejas, eles poderiam continuar a ‘ser como antes’. O que significava poder usar as roupas, cabelos e adereços tradicionais, ouvir e participar de shows e encontros musicais e culturais, de forma pacífica, entre outras possibilidades.” (Costa, 2004, 49).

Em síntese percebemos que a adaptação dessas igrejas e comunidades aponta para uma nova forma de evangelizar e também uma nova forma de ser membro nesses círculos religiosos. Vale a pena ressaltar que não se trata de um novo modelo de igreja ou comunidade. No entanto, nessas práticas religiosas abertas a apropriação de elementos culturais, podemos ver que a instituição religiosa é quem muda e se amolda às necessidades dos seus membros, não sendo a pessoa que muda no ato de sua conversão. O continuar a “ser como antes” descrito por Costa acima, diz respeito a abertura das instituições religiosas às práticas realizadas pelos jovens nas tribos urbanas. “Assim, a figura tradicional do ‘*crente*’, vestindo um terno preto, segurando uma bíblia e seguido de sua mulher trajando um vestido comprido e conservando os cabelos longos, foi substituída pelos fiéis usando roupas descontraídas, coloridas e cabelos da moda.” (Costa, 2004, 51).

Este que a princípio parece ser um novo modelo de igreja que quebra a rigidez da religião institucional, ao que parece, desenvolve novas práticas religiosas, que utilizam elementos culturais como forma de expressão religiosa que eclodem dentro da própria cultura. Os cultos da Comunidade Caverna de Adulão, mesmo que pareçam ter a forma diferente dos padrões tradicionais de igreja evangélicas na atualidade, não diferem das práticas religiosas dessas igrejas, embora haja uma participação mais inclusiva de seus membros e também uma maior liberdade para manifestações culturais na comunidade.

Do mesmo modo que Costa, Maffesoli observa que essas espiritualidades alternativas sinalizam para novas práticas religiosas na pós-modernidade, em que o fiel é quem faz suas escolhas com os bens religiosos que se adaptem às suas necessidades. “Essa religiosidade pode caminhar lado a lado com a descristianização, ou com outra forma qualquer de desinstitucionalização. E, por isso mesmo, a socialidade designa, justamente, a saturação dos grandes sistemas e das demais macroestruturas.” (Maffesoli, 2010, 135).

Nesse aspecto, a religião e o *rock* podem estabelecer a socialidade entre os pequenos grupos ou nas tribos urbanas como expressão dessa cultura mais ampla. Essa socialidade rompe com os grandes sistemas e as grandes estruturas pelo distanciamento e pela frieza relacional que elas causam. “A religião que se define a partir de um espaço é um cimento agregador de um conjunto ordenado, ao mesmo tempo social e natural.” (Maffesoli, 2010, 211).

Tanto a religião quanto o *rock* usam roupagens e elementos utilizados por outros grupos sociais e juvenis de décadas passadas para dar um novo significado à prática religiosa. Nessas práticas religiosas o *rock* poderia ser o que Maffesoli descreveu acima como “espaço”, pois através dele muitos jovens são atraídos às comunidades e igrejas que trabalham com as tribos urbanas e expressam a religiosidade na cultura alternativa e *underground*.

Dessa forma, o *rock* como estilo musical juvenil, pode se estabelecer como um “espaço” simbólico que ajuda a religião a lançar suas bases na sedimentação dos laços entre os jovens. Paralelamente, Costa observa que a música tem o poder de unir os jovens com os mesmos ideais. “No caso de determinados grupos juvenis, a música é vivida coletivamente como fonte de significado e identidade.” (Costa, 2004, 58). Nestes laços, nos sentimentos de pertencimento e de estar juntos, ideologias são resgatadas, posturas e elementos estéticos de alguns grupos juvenis são relançados muitas vezes como algo a ser seguido, ou seja, viram moda para toda a sociedade. Essas releituras abrem possibilidades para novas

expressões religiosas como é o caso do *rock*, que até alguns anos atrás seriam impensadas no âmbito religioso.

Portanto, observamos que a pós-modernidade possibilita ao ser humano a autonomia nas suas próprias escolhas com a pluralidade de pensamentos e não cabe mais a um pensamento absoluto e verdadeiro. Ela também fomentou a utilização de elementos totalmente novos e perspectivas não pensadas antes, com novas práticas religiosas e culturais. Percebemos que a Comunidade Caverna de Adulão, como outras igrejas e comunidades que desenvolvem este tipo de trabalho junto às tribos urbanas, não sinalizam para uma *nova* forma de igreja. Contudo, apontam para novas práticas religiosas na atualidade, quando utilizam e respeitam as manifestações da geração emergente e os seus elementos que são dados culturalmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da nossa pesquisa, percebemos que a religião e o *rock*, como outras manifestações humanas necessitam da socialização ou repetição, para estabelecerem a sua transmissão. Observamos também que no início da Comunidade Caverna de Adulão, o *rock* foi o principal elemento socializador naquela época. A cultura, então, deixa de ser obstáculo na prática religiosa e na adesão de novos membros à igreja e passa a ser uma aliada graças à sensibilidade de seus líderes. Estes possibilitaram a utilização dos elementos culturais como a música *rock* aliados à religião, o que permitiu a esses jovens desenvolverem sua espiritualidade com significados e linguagens próprias de seu cotidiano. Como relatado por Pinto:

Hoje, ao invés da salvação pela negação do *rock*, o que tem operado é a salvação pelo *rock*. No lugar do abandono do jeans rasgado e da camiseta preta, temos a utilização desses anexos corporais para a construção de um território sagrado. Em vez de uma ética ditada pelo pastor, vemos a quebra desta figura enquanto manipulador e mediador do sagrado. Quebradas as mediações, o sagrado, acoplado ao *heavy metal*, torna-se fonte de agencialidade a estes jovens fiéis. (Pinto, 2009, 12).

Embora possamos observar essa utilização do *rock* como elemento cultural fundador da Comunidade Caverna de Adulão, para alcançar um público jovem específico que de outra forma não estariam em igrejas com formato convencional. Após a morte do pastor Fábio em 2007 em viagem missionária à Cuba, ocorreu uma transição do *rock* para uma diversidade cultural, pois ele era quem fazia os trabalhos de evangelismo voltados para a religião e a cultura, com grupos específicos de teatro, música, *skatistas* e mais especificamente com as tribos urbanas *headbangers*.

Houve a troca do *rock* pela *internet* como instrumento de evangelização e sociabilidade na comunidade, que não era mais apenas visando o alcance das tribos urbanas *headbangers* ou outros grupos e tribos específicas. Dentre os elementos que substituíram o *rock* e ocuparam o seu lugar, podemos

destacar os projetos sociais desenvolvidos pela Caverna e seus membros, como o Projeto Reconstruir, o Projeto Lamalma e o Projeto Cupim Sagrado, dentre outras formas de socialização dos membros.

Verificamos também fatores que diferenciam a composição dos membros na comunidade. Ocorreu o envelhecimento das pessoas que estavam no início da comunidade, e também houve a mudança do perfil dessas pessoas que eram solteiras, estudantes, não trabalhavam, moravam na periferia e desse modo dependiam do transporte público. Hoje esses mesmos membros são casados, muitos têm filhos, são estabelecidos profissional e financeiramente, moram mais próximos da região central de Belo Horizonte e têm automóvel. Entretanto, não são tão envolvidos com os trabalhos da comunidade como eram no início.

Portanto, o que verificamos é que houve uma diversidade de tribos na Comunidade Caverna de Adulão com variados grupos sociais. Se “no princípio era o *rock*, e o *rock* estava na Caverna de Adulão, e o *rock* era a Caverna de Adulão”, agora, o que verificamos é que o *rock* abriu espaço para outras formas de socialização na comunidade. Essa diversidade e pluralidade das tribalizações também ocorre com frequência nos centros urbanos em nossos dias e mostram essas variadas formas de socialização. “Aquilo que liga religião e espaço, como dupla polaridade fundadora de um conjunto dado, não pode ser dito de maneira melhor. A proximidade física, a realidade quotidiana tem tanta importância quando o dogma que a religião admite veicular.” (Maffesoli, 2010, 212). Dessa forma, a sociedade só poderá existir quando seus relacionamentos pessoais e interpessoais cotidianos nos mais diversos grupos forem variados entre si. Os encontros, os laços sociais e as experiências individuais, consolidam-se, com o sentimento de pertencimento e o de estar-juntos na construção da coletividade na sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Baggio, Sandro. *Revolução na música gospel: um avivamento musical em nossos dias*. São Paulo: Exodus, 1997.
- BÍBLIA Sagrada Revista e Corrigida. São Paulo: SBB, 2013.
- Brakemeier, Gottfried. *Por que ser cristão? Dez boas razões para crer em Jesus Cristo, crer na ressurreição, viver em comunidade, ler a Bíblia, amar o próximo*. São Leopoldo: Sinodal, 2004.
- Brandini, Valéria. *Cenários do Rock: mercado, produção e tendências no Brasil*. São Paulo: Olho D'água, 2004.
- Calvani, Carlos Eduardo B. *Teologia e MPB*. São Paulo: Loyola, 1998.
- Christe, Ian. *Heavy metal: a história completa*. São Paulo: Benvirá, 2010.
- Costa, Márcia Regina da. Os carecas de Cristo e as tribos urbanas do underground Evangélico. In: PAIS, José Machado, BLASS, Leila Maria da Silva. (Org.). *Tribos urbanas: produção artística e identidades*. São Paulo: Annablume, 2004. p. 43-69.

- Durkheim, Émile. *As formas elementares de vida religiosa*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1989.
- Durkheim, Émile. *As Regras do Método Sociológico*. São Paulo: Martin Claret, 2011.
- Lopes, Pedro Alvim Leite. *Heavy Metal no Rio de Janeiro e a dessacralização de símbolos religiosos: a música do Demônio na cidade de São Sebastião das terras de Vera Cruz*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- Maffesoli, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- Magnani, José Guilherme Cantor. Os circuitos dos jovens urbanos. *Tempo Social*, São Paulo, v. 17, n. 2, 2005. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12475/14252>. Acesso em: 08 abr. 2016.
- Pais, José Machado; BLASS, Leila Maria da Silva. (Org.). *Tribos urbanas: produção artística e identidades*. São Paulo: Annablume, 2004.
- METAL: A Headbanger's Journey. Direção: Sam Dunn; Scot McFadyen e Jessica Wise. Canada: Independent Product, 2005. 1 vídeo (92). Son., color. Publicado por Lançamentos do Metal. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yHekU5x2hx8&t=2542s>. Acesso em: 15 set. 2021.
- Pinto, Flávia Slompo. *Radicalmente santos: O rock'n'roll e o underground na produção da pertença religiosa entre os jovens*. *Revista Proa*, Campinas, v. 1, n. 1, 2009. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/proa/article/viewFile/2397/1810>. Acesso em: 15 jan. 2017.
- Rodrigues, Flávio Lages. *A liberdade do Espírito na vida e no rock*. Rio de Janeiro: MK, 2007.
- Rodrigues, Flávio Lages. A linguagem, a estética e a ideologia na música *rock* entre os jovens na Comunidade Caverna de Adulão em Belo Horizonte. *Interações*, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 93-117, 2021. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/interacoes/article/view/18284>. Acesso em: 01 maio 2021.
- Rodrigues, Flávio Lages. A utilização da música *rock* no diálogo inter-religioso e intercultural. *Reflexus*, Vitória, v. 13, n. 22, p. 669-697, 2019a. Disponível em: <http://revista.faculdadeunida.com.br/index.php/reflexus/article/view/914>. Acesso em: 16 dez. 2019.
- Rodrigues, Flávio Lages. As trajetórias da música *rock* na Comunidade Caverna de Adulão. *Interações*, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 197-213, 2020a. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/interacoes/article/view/17515>. Acesso em: 13 jul. 2020.
- Rodrigues, Flávio Lages. Comunidade Caverna de Adulão: *rock* como fator de socialização. *Caminhos*, Goiânia, v. 18, n. 1, p. 234-251, 2020b. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/7498/4369>. Acesso em: 22 jul. 2020.
- Rodrigues, Flávio Lages. Deus na música *rock*: uma visão ecológica dos grupos *headbanger's* e outros grupos juvenis na Comunidade Caverna de Adulão. In: PENNA, Heloísa Maria Moraes Moreira; AVELLAR, Júlia Batista Castilho de; CARVALHO, Rodrigo Ladeira. (Orgs.). *Deus(es) na literatura*. Belo Horizonte: Relicário, 2018a. p. 203-215.
- Rodrigues, Flávio Lages. Igrejas e Comunidades *underground's*: novos modelos eclesiais? *Plura*, Juiz de Fora, v. 8, n. 2, p. 185-205, 2017. Disponível em: http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/plura/article/viewFile/1468/pdf_221. Acesso em: 07 abr. 2019.
- Rodrigues, Flávio Lages. *O fenômeno religioso entre os jovens nas tribos urbanas: uma análise da relação cultura e religião na Comunidade Caverna de Adulão - Belo Horizonte/MG*. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018b.
- Rodrigues, Flávio Lages. *O rock como estratégia de evangelização*. 2005. Monografia (Bacharel em Teologia) – Faculdade Evangélica de Teologia de Belo Horizonte, 2005.
- Rodrigues, Flávio Lages. O *rock* como possibilidade para uma espiritualidade não-religiosa. *Caminhos*, Goiânia, v. 17, n. 1, p. 173-192, 2019b. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/issue/view/315>. Acesso em: 22 jul. 2019.

- Rodrigues, Flávio Lages. *O rock na evangelização*. Rio de Janeiro: MK, 2006.
- Rodrigues, Flávio Lages. *Os desafios para a igreja pregar o Evangelho na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: MK, 2018c.
- Rodrigues, Flávio Lages. Percurso histórico da Comunidade Caverna de Adulão em Belo Horizonte: novos modelos eclesiais? *Expedições, Morrinhos*, v. 9, n. 3, p. 71-90, 2018d. Disponível em: https://www.revista.ueg.br/index.php/revista_geth/article/view/7660. Acesso em: 22 jul. 2019.
- Tylor, Edward Burnett. *A ciência da cultura*. In: MORGAN, Lewis Henry. *Evolucionismo cultural/ textos de Morgan, Tylor e Frazer*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. p. 69-99.

Flávio Lages Rodrigues é Teólogo, Cientista da Religião e Músico. Doutorando em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MINAS), com a pesquisa intitulada "O rock como uma espiritualidade não religiosa. Estuda sobre rituais, sociabilidades e cosmovisão de roqueiros sem religião em Belo Horizonte." É Mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MINAS), com a dissertação "O fenômeno religioso entre os jovens nas tribos urbanas: uma análise da relação cultura e religião na Comunidade Caverna de Adulão – Belo Horizonte/MG." cursou graduação com o Bacharelado em Teologia (2005) e Especialização em Teologia Sistemática (2007) pela Faculdade Evangélica de Teologia de Belo Horizonte (FATE-BH). Desde 2015, integra o Grupo de Pesquisa Religião e Cultura do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC Minas. E-mail: flavioposttrevor@yahoo.com.br

Licença de uso. Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Recebido: 11/05/2021
Reapresentado: 21/09/2021
Aprovado: 14/10/2021